



DA AUTORA BEST-SELLER DE *MIL BEIJOS DE GAROTO*

TILLIE COLE

**DOCE
QUEDA**

SÉRIE SWEET - LIVRO 2

essência

TILLIE COLE

DOCE
QUEDA

SÉRIE SWEET - LIVRO 2

Tradução
Flávia Souto Maior



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Tillie Cole, 2014
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022
Copyright da tradução © Flávia Souto Maior
Todos os direitos reservados.
Título original: *Sweet Fall: a Sweet Home Novel*

Preparação: Fernanda Cosenza
Revisão: Lígia Alves e Laura Folgueira
Diagramação: Futura
Capa: Damonza em: www.damonza.com
Adaptação de capa: Beatriz Borges

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cole, Tillie
Doce queda / Tillie Cole; tradução de Flávia Souto Maior. -
São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
336 p. (Série Sweet; vol. 2)
ISBN 978-65-5535-641-0
Título original: Sweet Fall: a Sweet Home Novel
1. Literatura norte-americana 2. Literatura juvenil I. Título II.
Maior, Flávia Souto III. Série
22-0935 CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção juvenil norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2022
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar – Consolação
01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

1

Lexi

*Universidade do Alabama,
Tuscaloosa, Estados Unidos da América*

Três meses depois...

Dezenas de milhares de pés batiam na arquibancada, como trovões ressoando agressivamente pelo Estádio Bryant-Denny. O cheiro de grama, de um dia de verão, de suor, de adrenalina emanava do campo até o túnel.

Dia de jogo. Um dia de jogo do Alabama Crimson Tide. A famosa abertura do Crimson Tide contra o Chattanooga Mocs.

Meu coração estava acelerado, minhas palmas suavam, e estiquei meu uniforme vermelho apenas para ocupar as mãos trêmulas. Quando alguém estalou os dedos diante do meu rosto, levantei os olhos e vi a capitã da equipe, Shelly Blair.

— Preparada? — ela perguntou, com os cabelos ruivos e longos perfeitamente alisados caindo sobre os ombros. Fiz que sim com a cabeça e endireitei o corpo, e um sorriso presunçoso se formou nos lábios dela. — É bom mesmo, garota gótica. Oitenta mil pessoas aí fora, e você vai para o alto. — Ela se aproximou. — Não estrague tudo. Você tem que provar que merece essa vaga.

Garota gótica. Shelly se referia a meus cabelos pretos na altura do queixo, rosto pálido e delineador escuro nos olhos.

— Não vou estragar nada — eu disse por entre dentes cerrados. Um aceno de cabeça seco – e aparentemente impressionado – foi a única resposta dela antes de se virar e assumir seu lugar diante do grande grupo de meninos e meninas da equipe.

— Você vai se sair bem, Lexi querida — disse Lyle, outro membro da equipe e base de meu grupo de acrobacia, cutucando-me com o cotovelo alegremente.

Eu havia levado quatro anos para chegar a esse dia. Quatro anos para encarar a volta a uma equipe de torcida. A maior parte da equipe quis saber por que eu só tinha tentado entrar no último ano antes da formatura, mas, assim que mostrei a todos meu duplo twist carpado, ninguém quis saber mais nada e eu entrei diretamente para o time do Crimson – a melhor equipe, que torcia em todos os jogos de futebol americano, em casa e fora. A equipe em que todos gostariam de entrar.

— Estou com náuseas — eu disse a Lyle ao pensar em encarar todo o corpo estudantil e mais um pouco, vestindo apenas aquele uniforme minúsculo.

Ele me passou um frasco de Gatorade azul.

— Beba isso, depois se concentre no jogo, lindinha. Entramos em dois minutos.

Fiz o que ele disse e respirei fundo.

Dois minutos.

Cento e vinte segundos.

Para aquilo que desejei durante anos se tornar realidade.

Toda a minha reabilitação. Todo o esforço foi para isso.

Para esse momento.

Essa única chance de reassumir o controle sobre meus demônios.

Enfrentar meu maior medo.

Encarar de frente o que me levou aos piores momentos da minha vida.

Conquistar o que quase me matou.

A Million Dollar Band começou a tocar. Observei sua formação intrincada de onde eu estava. Tambores rufavam. Em um crescendo dos trompetes, Big Al, o elefante mascote da faculdade, abriu caminho pelo meio da equipe e entrou correndo no campo. Sua entrada dramática deixou a multidão ainda mais agitada.

Os torcedores do Tide enlouqueceram.

Minhas pernas estavam pesadas como chumbo quando comecei a pular sem sair do lugar, preparando-me para correr até o campo. *Você vai conseguir, Lex. Não tem mais gatilho*, eu disse a mim mesma, repetindo o mantra na cabeça.

Tem certeza disso, Lexington? Todos vão ver você. Cada giro, cada pulo, cada acrobacia.

Paralisada, fechei bem os olhos ao ouvir aquela voz familiar penetrando em meus pensamentos, tentando desesperadamente fazer com que se calasse.

Estou bem, estou saudável, garanti a mim mesma, fazendo de tudo para contra-atacar os comentários maldosos *dele*. *Você é uma ótima atleta, a melhor líder de torcida, a melhor ginasta daqui.*

Huum... acho que não. Olhe para Shelly. Ela sim é perfeita. Magra, linda. Tudo que você não é.

Cale a boca!, exigi mentalmente enquanto apertava a ponta do nariz com os dedos, respirando de maneira ritmada para neutralizar as palavras torturantes da voz.

Você é pesada demais para ser uma acrobata aérea. As bases do grupo de acrobacia vão pensar que você é muito gorda. Eles vão ridicularizar, vão zombar de você... rir de você, a voz provocou.

Não! Não é verdade. Não vou deixar você fazer isso! Você não vai vencer. Não vou mais cair na sua armadilha! Gritei mentalmente, e um glorioso silêncio envolveu minha mente. Com um suspiro de alívio, reabri os olhos. A voz tinha ido embora. Eu tinha vencido uma batalha, mas sabia que a guerra não estava terminada.

Olhando rapidamente para o túnel, relaxei quando me dei conta de que apenas alguns segundos haviam se passado.

De repente, Lyle apareceu na minha frente.

— Está preparada, lindinha? — ele perguntou com entusiasmo. Uma empolgação nervosa percorreu meu corpo quando confirmei.

Era para isso que eu vivia.

Dia de jogo.

O clima.

Fazer o que eu amava.

Eu tinha sentido falta disso.

Desejava isso.

Queria de volta.

A multidão vibrou quando Shelly se destacou do grupo e entrou no campo. Meus pés se contorciam de nervosismo e expectativa, e eu comecei a correr, deixando minhas pernas experientes me carregarem para o centro das atenções e para meu palco sob os holofotes e o sol escaldante.

Meu coração se contraiu ao ver tudo aquilo – o mosaico vermelho e branco formado pelos torcedores, a enormidade da banda, a equipe de torcida toda de branco do lado oposto do campo, as fãs na multidão, os megafones... a empolgação.

Chegando à lateral, fiquei em minha posição enquanto Shelly iniciava o grito de abertura.

— *Crimson Tide. Avante, Tide, avante, Tide* — oitenta mil pessoas entoaram em perfeito unísono.

Os poderosos passos de dança fluíram pelo meu corpo com precisão, minha voz era clara e alta, e a reação da torcida me energizava.

O locutor pegou o microfone e, numa voz potente, anunciou o time. O barulho no estádio era ensurdecedor, e meu coração batia no ritmo dos pés da multidão. Então, do túnel surgiu Jimmy-Don, bloqueador ofensivo do time e namorado da minha melhor amiga, Cass, e logo atrás dele veio Austin Carillo, o recebedor todo tatuado e estrela do Tide.

O restante do time saiu do túnel como se irrompesse de uma fortaleza. Era uma confraria. O último a entrar em campo foi Rome “Canhão” Prince, *quarterback* astro da SEC,¹ e a multidão foi à loucura.

Todos se acalmaram, os jogadores se posicionaram e o apito para o chute inicial soou alto.

* * *

1. SEC é a sigla da Southeastern Conference, parte da NCAA (National Collegiate Athletic Association), uma associação nacional que organiza a maioria dos programas de esporte universitário nos Estados Unidos, incluindo o futebol americano. [N.E.]

Três horas depois, tínhamos vencido. Com três *touchdowns* de Carillo, o Tide derrotou o Mocs – uma abertura de temporada perfeita.

Em poucos minutos, a multidão começou a sair do estádio e a equipe de torcida voltou para o túnel, eufórica com a vitória.

Fiquei para trás, apenas contemplando a cena. Era estranho ver o estádio tão quieto, meio apocalíptico, como se tivesse sobrevivido a uma grande catástrofe. Havia copos de plástico jogados nas arquibancadas, confete espalhado pela grama e o cheiro forte de cerveja pairando no ar úmido.

— É meio estranho, não é? — disse uma voz com forte sotaque do Alabama ao meu lado.

Soltando os pompons, em choque, coloquei a mão sobre o peito. Vi de relance uma camiseta vermelha, levantei os olhos, bloqueando o sol ofuscante com a mão, e de repente perdi o fôlego.

— Des-desculpe, o quê? — perguntei em voz baixa, inclinando o pescoço para trás para conseguir ver o rosto do cara.

Sob a sombra, ele apareceu. Austin Carillo, recebedor, número oitenta e três.

Carillo chegou mais perto de mim, saindo do local meio escondido perto do túnel dos jogadores e das arquibancadas.

— Isso. A calmaria depois da tempestade. — Ele gesticulou para o estádio vazio. — É minha parte favorita do jogo.

Segui o movimento da mão dele.

— Não foram os três *touchdowns* que você marcou?

Os cantos da boca dele se curvaram em um sorrisinho relutante. Eu já tinha visto Carillo pelo campus da faculdade algumas vezes nos últimos três anos, e acho que era a primeira vez que o via esboçando algo parecido com um sorriso. Não fiquei surpresa. Ele era como eu – mais sóbrio, quieto, reservado.

Austin Carillo era o bad boy italiano da Universidade do Alabama: um metro e noventa e três, uma linda pele morena, cheio de piercings, alargadores de orelha pretos, o corpo inteiro tatuado, cabelos escuros e olhos de um castanho profundo.

Senti o rosto corar. Se eu tinha um tipo, era ele. Mas eu não namorava ninguém e, até onde eu sabia, ele também não.

— Não. É isso aqui. Repassar o jogo na cabeça, a construção de lembranças no campo.

Uma sensação de paz tomou conta de mim ao ouvir o que ele descrevia.

— Sei exatamente do que você está falando — respondi com melancolia, e respirei o cheiro de comida gordurosa, grama pisada... vitória.

Austin olhou para o túnel e, sem dizer mais nada, começou a se afastar. Fiquei olhando para o campo e respirei aliviada... eu tinha conseguido. Eu tinha realmente conseguido passar por um jogo inteiro ilesa.

A voz dentro de mim não havia tido forças para estragar tudo.

— Já estava na hora, por sinal! — Ouvei de repente e olhei para trás, onde estava Carillo.

— Está falando comigo? — perguntei, confusa, verificando se havia mais alguém por perto.

Austin sorriu de maneira sombria e deliciosa, e apontou para meus cabelos e meu rosto.

— Sim, estou falando com você. Já estava na hora de mudar o estilo das minas dos pompons. É bom ter mais uma de nós, os esquitos, no time.

Nós, os esquitos?, pensei, mas só consegui vê-lo desaparecer rumo ao vestiário. Meu coração batia acelerado, e, levantando a mão, passei os dedos sobre meus cabelos pretos e o batom escuro, e senti uma agitação no peito... *nós, os esquitos...*

Vendo os funcionários da limpeza entrarem no estádio, rapidamente me abaixei, arranquei um pedaço de grama e fiquei segurando a folhinha. Era minha tradição. Uma lembrança de cada jogo em que torci... Mas esse era o primeiro em quatro anos.

O símbolo da minha nova vida.

Pegando os pompons, fui para o vestiário. Mal podia esperar para chegar em casa e escrever, contar tudo para Daisy.

Austin

Boa, garoto! Quatro ponto dois na linha de quarenta jardas! Continue marcando esses tempos e vai entrar na primeira ou segunda rodada do *draft* — gritou o treinador Cline, meu técnico de corrida, quando cruzei a linha de quarenta jardas.

Haviam se passado poucos dias desde o jogo contra o Mocs e os treinos de futebol já estavam acabando comigo.

Eu estava abaixado, recobrando o fôlego, quando ouvi:

— Carillo, para a sala do técnico, agora!

Endireitando o corpo, olhei para o outro lado do campo e vi o técnico de defesa Moore fazendo sinal para que eu fosse até lá.

Olhei para o técnico Cline.

— O que eu fiz?

Ele franziu a testa e balançou a cabeça.

— Não faço ideia, filho. Agora vá até lá e descubra. Temos mais exercícios para fazer.

Em menos de dois minutos, eu estava na porta da sala do técnico e bati duas vezes na madeira polida.

— Entre, Carillo — o técnico disse, sentado do outro lado da escrivaninha. Se ele não estava no campo, estava sempre em sua mesa.

Entrei na sala e me sentei de frente para ele. O técnico levantou os olhos da montanha de papéis à sua frente, tirou os óculos e esfregou de leve a área ao redor dos olhos.

Aquilo não parecia bom. Ele estava ansioso.

— Por que estou aqui, técnico? — perguntei, com preocupação.

Apoiando os cotovelos sobre a mesa, ele se inclinou para a frente, olhando bem nos meus olhos.

— Recebi uma ligação do reitor hoje.

— Certo. E o que isso tem a ver comigo? — perguntei, sem rodeios. Eu não tinha feito nada de errado nos mais de três anos em que estava no Tide. Não tinha nada para esconder. *Principalmente* do técnico.

— Estamos com um problema no campus, e ele me pediu para falar com você, ver o que você sabe.

— Que tipo de problema? — perguntei, confuso.

— Um problema com drogas — ele disse diretamente, e ficou esperando eu responder alguma coisa.

Um problema com drogas. Drogas aparecem no campus e eles pensam imediatamente em mim.

— Não tenho nada a ver com isso — respondi de imediato.

O técnico apenas acenou com a cabeça.

— *Eu* não acho que *você* tem — ele enfatizou.

Meu estômago revirou.

— E por que está falando assim? Quem vocês acham que está envolvido?

Eu sabia, é claro, mas queria ouvir da boca dele. Queria ouvir as acusações contra meu próprio sangue em voz alta.

— Há rumores de que alguém igualzinho a você foi visto vendendo cocaína na faculdade. — Ele suspirou. — Igualzinho a *você*, Austin. Está me entendendo? Só conheço uma pessoa possível. — Ele fez uma pausa e eu esperei, apenas esperei. Eu precisava ouvir aquilo saindo da maldita boca dele. — Tudo bem, filho. Eu vou dizer. Axel. Estou achando que é o seu irmão.

Eu ri, descrente, e balancei a cabeça.

— Você não, técnico. Até você? Não faz isso comigo, porra! Um imbecil qualquer aparece na faculdade traficando e você imediatamente pensa no garoto pobre e bolsista que tem relações com os Heighters. É isso?

O técnico tentou falar.

— Aust...

— Não é ele. Ele não faria isso. Não traria essa merda para perto de mim. Ele é da família. Familiares não ferram uns aos outros. — Minha voz era fria e dura quando o interrompi.